

Waiãpi, Uaçá, Galibis, Juminá, Terena, Xavante e outros lutam pela terra trabalhando no Censo

Censo 91

No Amapá e no Mato Grosso do Sul, o IBGE tem índios no seu quadro de recenseadores. O que resolve o problema da aproximação com populações historicamente arredias ao contato, até pelas dificuldades linguísticas, uma vez que grande parte dos indígenas brasileiros não fala o português. Os recenseadores índios atuam com muito empenho e entusiasmo porque vêem no Censo uma esperança para si mesmos e sua gente. Ausentes até aqui nas estatísticas demográficas, eles desejam afirmar presença e cidadania através do Censo 91. Sentem que dessa forma sua voz poderá ser ouvida Brasil a fora, no momento em que vivem em defesa das suas terras, já ameaçadas por projetos de exploração mineral na região

Das 210 recenseadores do IBGE no Amapá, três são muito especiais. São índios da reserva de Waiãpi, no Macapá, que foram recrutados para fazer entrevistas nas quatro reservas indígenas do Estado. A convocação desses índios se deve às dificuldades que recenseadores comuns encontra-



ram para realizar entrevistas nas comunidades.

A idéia de trabalhar com índios no recenseamento das reservas partiu do delegado do IBGE no Estado, Adriano da Silva Guimarães, que juntamente com o coordenador do Censo 91 na região, Alcides Uchoa, esteve nos primeiros contatos com a Funai, para estabelecer a melhor forma de convocar os cerca de 1.800 índios do Amapá.

Marcos Labonté, José Lucas Nascimento e João dos Santos, são três índios que estão trabalhando como recenseadores no Amapá. Fizeram isso nas reservas de Waiãpi, Uaçá, Galibis e Juminá. Amizade das tribos da região fala o dialeto "patá", que tem influência da língua francesa.

As reservas ficam na região do Oiapoque e muitos índios trabalham em Saint George, na Guiana Francesa. O acesso às aldeias, formado normalmente por cerca de 20 casas onde moram mais ou menos 25 pessoas em cada uma, é feito através da estrada Polimetal Norte.

A reserva de Waiãpi, por exemplo, fica em Laranjal do Jari, a cerca de 200 quilômetros de Macapá, no distrito de Serra do Navio. Assim como as outras reservas, sofre uma influência muito grande da Guiana Francesa, cujo governo paga a alguns índios para que ocupem seu território, vivendo da agricultura, pesca e caça.

O recrutamento dos índios foi feito nas próprias reservas. Para realizar esse recrutamento, a equipe do IBGE, contou com a

colaboração do administrador regional da Funai, Antônio Pereira Neto.

O trabalho dos recenseadores índios tem uma característica singular: embora sejam de tribos e reservas diferentes, eles querem atuar sempre juntos. Sentem-se mais confiantes.

"Estamos muito orgulhosos. É a primeira vez que nós nos sentimos brasileiros de verdade. Eu e meus irmãos índios estamos aqui presos de

fazer logo as entrevistas. A gente tem medo de esquecer o que aprendeu no treinamento. Mas podem estar certos: nós vamos fazer um trabalho ótimo" - afirma o waiãpi Marcos Labonté.



Mato Grosso tem mais índios

Ao contrário do que a maioria das pessoas possa imaginar, não é o Amazonas o maior Estado indígena brasileiro. É no Mato Grosso que está concentrado o maior número de reservas indígenas do Brasil. Apenas para realizar o recenseamento nesta região existem 142 setores do Censo 91, exclusivamente para áreas indígenas. No Mato Grosso não há índios recenseadores, mas todo o trabalho do IBGE está sendo acompanhado por técnicos da Funai, para facilitar a entrada nas reservas e o entendimento da língua. Já estão sendo pesquisados índios das regiões de Tangará da Serra, Brasnorte e Cuiabá.

No Mato Grosso do Sul há uma estimativa da Funai quanto à existência de cerca de 80 mil índios, distribuídos em 32 reservas. No Brasil existem 1.159 áreas indígenas conhecidas. O problema maior no recenseamento é a aproximação com as tribos uma vez que os índios são normalmente arredios, como seria de se esperar, considerando os traumas históricos sofridos pelas populações indígenas no seu contato com o chamado civilizado. Também no Mato Grosso do Sul, a exemplo do que ocorre no Amapá, o IBGE acabou recorrendo aos próprios índios para realizar o recenseamento. No Estado há dois recenseadores índios.

Poesia da Realidade

Recebemos, de Conceição do Araguaia, no Pará, uma "carta aos colegas recenseadores", de José Damiano Pinto Bezerra, Técnico em Estudos e Pesquisas do IBGE, vale dizer, um agente de coleta, ou seja um daqueles valerosos companheiros que vivem por si contando o povo do Brasil. Publicamos a carta de José Damiano, que, dessa forma, alcança os seus destinatários:

"Talvez com um toque de poesia, não quero ser poeta, o recenseador alegre-se ao fazer seu trabalho de coleta, porque... Crê?"

Para surpresa minha, ao chegar de Marabá, meu nome havia sido escolhido para assumir o posto do município de Conceição do Araguaia. Estão entrando no mesmo barco e podemos remar juntos.

Lembrei-me de vocês lá em Tucuma e Curitiba do Norte, nas cidades do Xingu, ou outros grupos de supervisores, de recenseadores. Há colegas que irao acompanhados de intérpretes religiosos às aldeias indígenas, lugares de difícil acesso, somente de avião ou helicópteros, uma aventura. Que sonho.

Tucuma e Curitiba, (vamos rimar) cidades do grande tesouro perdido, existem muitas riquezas em pedras preciosas, o índio e a beleza da paisagem montanhosa, suas estradas acidentadas e empoladas confundindo a visão com a fumaça, quando os carros aparecem como fantasmas. São vagalumes procurando passagem na fuga de uma colisão, as pontes e as curvas perigosas, como guardiãs ou serpentes venenosas, o recenseador com a pasta nas costas, pobre, laminto e descorado, perseguido pelo destino do mundo.

Prezados colegas, atrás de cada porta está alguém com um olhar diferente, é o brasileiro, um povo sendo contado. Quem nunca viu, verá um sar que parece condenado, à miséria, lamentações e morte, o recenseador ficará perplexo, esquecerá de si mesmo. Então passará a gostar de seu penoso trabalho."